


# **SOBRADO E ASSOMBRAÇÃO**: REFLEXOS DA CULTURA MATERIAL NA NARRATIVA FANTASMAGÓRICA DE GILBERTO FREYRE

Braz Pereira Alves Neto
Aluno do Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco
Email: braz.pe@gmail.com

**RESUMO:**

Neste artigo procuramos estabelecer uma ponte entre cultura material e história de fantasmagoria. A partir do conto A casa do Beco da Rua do Marisco, incluído no livro "Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras folclóricas em torno do sobrenatural do passado recifense" percebemos como a análise de um sobrado antigo contribuiu para que a narrativa tivesse seus aspectos de terror amplificados. Não poderíamos deixar de discorrer sobre o Recife e os arredores de São José, cujas contribuições para a história também são decisivas. Frisamos ainda ser a análise da referida obra de uma importância ímpar para a apreensão de aspectos peculiares na história de Pernambuco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casa mal-assombrada, Recife, Terror

## 1- INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, a cidade do Recife passava por um importante processo de modernização. A posição que ela ocupava, de intermediária entre o meio rural e o universo exterior, por via portuária, vai se esvaindo, o que leva paulatinamente à perda do seu status de centro regional. Nesse contexto, Gilberto Freyre, que desde a década de 1920 – então diretor do jornal A Província – colecionava matérias de cunho "sobrenatural", que começaram a ser

investigadas e publicadas sob sua orientação, bem como outros relatos de fantasmagorias provenientes das distintas comunidades que coabitavam o Recife, produz uma coletânea de narrativas intitulada "**Assombrações do Recife Velho**: algumas notas históricas e outras folclóricas em torno do sobrenatural do passado recifense". Araújo (2010), ao tratar dessa obra um tanto singular na bibliografia de Freyre, que reúne uma série de histórias, correntes supostamente há décadas ou mesmo séculos entre várias gerações de moradores da cidade, se referindo ao aparecimento de um conjunto muito numeroso e variado de entidades sobrenaturais, adverte que, nessa coletânea, o autor não se refere à cidade como um todo, mencionando somente algumas casas, ruas e localidades específicas, focalizadas e separadas do entorno justamente pelo seu vínculo com entidades sobrenaturais.

Neste artigo, pretendemos identificar maneiras como a observação minuciosa do sobrado, construção material, pode ter auxiliado o autor a potencializar os aspectos de terror em sua escrita. Para tanto utilizaremos como exemplo o conto: "A Casa da Esquina do Beco do Marisco".

## 2- GILBERTO FREYRE, ASSOMBRAÇÕES E O SEU "MUSEU DO IMAGINÁRIO"

Gilberto de Mello Freyre (Recife, 1900 – 1987), amplamente conhecido como sociólogo e escritor, apresenta, dentre outros, os títulos de bacharel em Artes Liberais com especialização em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Baylor (EUA), mestre e doutor em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais pela Universidade de Columbia (EUA). Concluído o doutoramento, aporta na Europa por um curto período de tempo até regressar ao Recife. Após alguns anos reintegrado a sua terra natal, publica Casa Grande & Senzala (1933), Sobrados e Mucambos (1936) e Nordeste – aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil (1938). Essa trilogia traz a lume o seu autor, sendo, principalmente, Casa Grande & Senzala amplamente considerado um clássico, essencial para a compreensão intelectual da formação do Brasil moderno.

Atento aos aspectos multidisciplinares, debatidos nos círculos norte-americanos e europeus desde a década de 1920, Freyre, lança olhares sobre a "história do sobrenatural". No

ano de 1929, sob o cargo de diretor do jornal **A Província** (hoje extinto), delega ao repórter policial Oscar Mello função de investigar e colher relatos sobre fantasmagoria que assolava na capital pernambucana. Surgia então a série "Nos domínios do sobrenatural", com texto assinado pelo referido repórter e ilustrações a cargo de Manoel Bandeira (desenhista e pintor, com nome similar ao poeta recifense Manuel Bandeira). Gestava-se com esses relatos (somados à busca por arquivos da polícia, e conversa com "fieis contadores de histórias") um livro que aproximadamente uma década e meia surgiria em edição de luxo com as narrativas de fantasmagoria assinadas pelo próprio Gilberto Freyre e ilustrações do artista Lula Cardoso Ayres: "Assombrações do recife Velho (...)" – destaquemos que para ilustrar as edições seguintes "populares", Poty Lazzarotto – curitibano, cujo portfólio inclui desenhos para Sagarana (primeira obra lançada pelo escritor João Guimarães Rosa) o que indica a preocupação de Freyre com o pictórico como parte integrante da "aura" das histórias - e cuja preservação foi levada em consideração nas edições pós- falecimento deste.

Segundo Sandra Pesavento (2006), o estatuto da escrita de Freyre, possui conteúdo tanto um conteúdo sociológico e histórico na sua preocupação com a pesquisa e com as fontes, quanto um viés literário e ficcional por outro, a reescrever a realidade de acordo com uma verdade a ser demonstrada sobre Brasil, tanto pelos caminhos da documentação e das evidências racionais fornecidas por suas fontes, quanto pelos relatos de vida e experiências pessoais, que passam pela tradução sensível do real. Seriam, pois, a erudição e o vigoroso trabalho de pesquisa de Freyre fatores que contribuíram para a formação de um acervo, arquivo ou museu imaginário, isto é, um universo mental de referências, que permitiram as mais diversas confrontações e estimularam a sua criação.

Exemplifiquemos que para a confecção do livro Sobrados e Mucambos, o autor recorre às fontes escritas e às imagens para embasar de sua argumentação. Utilizando-se da leitura etnográfica cultura material, sob a inspiração de Franz Boas, analisou o sobrado, o mucambo e o cortiço, a partir da casa, espaço construído, onde conseguiu enxergar e ler o social.

Parte dessa experiência é transladada para a confecção de Assombrações do Recife Velho, visto que subordinando, documentos, textuais, imagéticos ou materiais à construção e à demonstração de uma idéia de uma sociabilidade que reúne vivos e mortos, "Gilberto Freyre

procura, nas histórias de casas assombradas, o eco desse 'sobrenatural' (...)" (LEENHARDT, 2006, p. 306). "Ainda segundo Leenhardt (2006) graças às casas assombradas, o corpo mineral da cidade ganha vida, os habitantes de hoje encontram-se, finalmente, ligados àqueles de outrora." (LEENHARDT, 2006, p. 307).

# 3- A CASA DA ESQUINA DO BECO DO MARISCO

## 3.1 – Contexto histórico

O Recife, região de planície sedimentar flúvio-marinha, teve seu desenvolvimento colonial iniciado no século XVI, sobretudo, a partir de seu porto natural. Ao longo dos anos, o então "povoado ribeirinho", apresentou um forte crescimento populacional, territorial, econômico e político que, dentre outras coisas, permitiu sua elevação à condição de capital pernambucana bem como de metrópole da parte norte do Brasil. Tomando como marco o oceano Atlântico, após o surgimento do bairro portuário, destaquemos mais duas importantes aglomerações urbanas recifenses: Santo Antônio e São José. Conforme Cabral (2013), por ocasião da presença holandesa em Pernambuco, percebeu-se a excessiva concentração da população na área peninsular, sendo fomentadas condições para que parte dela passasse a residir em Santo Antônio, bairro ligado à península por uma ponte - a antiga ilha de Antônio Vaz, a Mauristtad de Maurício de Nassau, ou simplesmente Pernambuco, como aparece na documentação oitocentista. 2

Mais tarde, o espaço físico da Ilha de Santo Antônio contaria com os bairros de Santo Antônio e de São José, cujo fracionamento deve ter acontecido para atender os interesses políticos da elite local. Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) o bairro de São José, foi desmembrado da freguesia do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, através da Lei Provincial nº 132, de 2 de maio de 1844. Tais bairros situados no coração da urbe são, pois, fruto de um processo de modificação da paisagem recifense que contou além da figura autóctone, com o europeu e o africano. Cabral (2013) observa, ora em um ora em outro, uma gama de construções, dentre elas: igrejas, fortes, pontes, conventos,

colégios, centros de fiscalização (alfândega, inspeção do açúcar e do algodão), lojas diversas, residências.

No século XX, após a segunda guerra mundial, os ritmo da economia cambiava, o Recife que tinha suas instituições mercantis alinhadas com o patriarcado rural, viu-se obrigado a se modernizar para atender uma ordem social cada vez mais competitiva e urbana. Antigos prédios ora foram ressignificados, ora demolidos ou abandonados. Alguns dos seus imponentes sobrados centrais transformaram-se em cortiços, ou passaram a abrigar comerciantes de tratos bem mais modestos, junto com suas famílias.

### 3.2 - O palco e o protagonista

No seguinte enunciado, encontramos palco: chão e cenário, para alicerçar seus personagens: "**O bairro de São José** é o refúgio daquelas assombrações do tempo dos reis velhos que outrora tornaram famoso o Recife propriamente dito: a quase ilha do Recife" (FREYRE, 2008, p.163. Grifo nosso). Vemos que a parte do palco, onde se desenvolve a história, é na Rua Augusta, nome oficial, polido, até certo ponto sacro. Contudo, Freyre não o colocou o no título do conto. Em uma estratégia narrativa, utilizou a localização informal, visto ser o termo beco muito mais próximo do universo das sombras, do esconderijo, de ecos abafados, uma fronteira natural que enseja cumplicidade entre os que rodeiam, enfim, arredor propício pra uma história de terror.

O Beco do Marisco, no segundo quartel do século XIX, oficialmente recebeu o nome de Rua Frei Henrique, e segue assim até os dias atuais. Contudo, pela perenidade da memória anotada por Freyre, possivelmente o nome antigo perdurou por algumas décadas seguintes. Encontramos menção do Beco nos Anais Pernambucanos de autoria do historiador pernambucano Pereira da Costa: "O segundo trecho, da Rua dos Martírios, que começa da igreja desta invocação aí situada, e termina à entrada da Rua Augusta, no cruzamento do Beco do Marisco, balizado em 1870 com o nome de Rua de Frei Henrique (...)". Sugestivo o fato de o beco ser próximo da antiga Irmandade das Almas. Não é de causar espanto o palco da "casa encantada" situar-se na esquina de um beco, uma vez que o bairro de São José em seus

primórdios não obedecia a traçados para projetos urbanos. Pela importância dos resquícios de um Recife, de fato mais próximo ao antigo, o bairro é um lugar privilegiado, um museu vivo, a céu aberto, pulsante,

A respeito do protagonista, o sobrado misterioso, o autor descreve: "sobrado de dois andares, além do térreo. Na verdade, de três: três pavimentos. Sua construção datava apenas de 1865 (...) Tinha de frente cinco janelas; e no oitão, oito" (FREYRE, 2008, p.163. Grifo nosso).

Essa impressão inicial de sobrado com dois andares e posterior confirmação de mais um pavimento, aponta para o fato de Freyre está se referindo a reminiscências. Acreditamos que o autor, propositalmente, faz uso de termo não-técnico, para definir este tipo de edificação. De acordo com Luiz Maria da Silva Pinto (1832), em seu Diccionario da Língua Brasileira (sic): **Sobrado**: s.m. Pavimento do andar da casa mais alto que o térreo; Andar de casas. Talvez, com a insistência da linguagem coloquial, reforçado por publicações de Freyre e outros eruditos, percebemos que com o passar dos anos o termo foi formalmente incorporado ao campo técnico, como aponta o verbete de um Dicionário ilustrado de arquitetura, do ano 2000:

> **Sobrado**: 1. Pavimento em geral formado por uma armação de madeira que no primeiro andar é afastado do solo. (...) 2. Andar do prédio que fica acima do sobrado (...) 3. Por extensão, prédio que possui sobrado (...) 4. Por extensão**, edifício com mais de um pavimento que nas antigas edificações implicava o uso do sobrado. É o termo mais aplicado para designar prédios antigos**. (ALBERNAZ; LIMA, 2000, p. 574, grifo nosso)

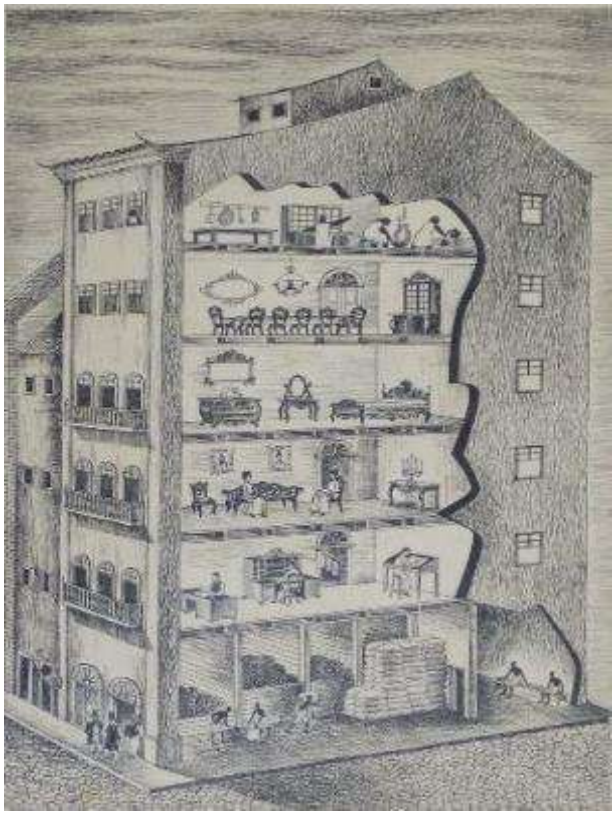
No livro Sobrados e Mucambos, Freyre aborda com propriedade o motivo desse tipo edificação de características diversas (flamenca, portuguesa, mourisca), ter se adaptado a urbe: "No Recife, sendo a cidade socialmente uma ilha e fisicamente um meio- termo entre ilha e península, o sobrado quase sem quintal se impôs. Questão de espaço que era pouco (...) sobrado magro, venical." (FREYRE, 2004, p.272).

Em continuidade ele aborda um exemplar próximo ao citado no conto da Casa da Esquina do Beco do Marisco: "Aí os sobrados de três andares tornaram-se comuns desde o século XVII. Era um meio de as casas continuarem grandes e satisfazerem as muitas necessidades patriarcais sem se espalharem exageradamente para os lados." (FREYRE, 2004, p. 306). Observemos a

descrição no livro Assombrações do Recife velho: “Um sobrado como qualquer outro. Sem brasão, sem busto de Camões, sem estátua da fortuna ou estrela de pedra para o distinguir dos outros” (Freyre, 2008, p.163)

Apesar de comum, Freyre (2004) deixa claro que se tratava de uma propriedade era senhorial: construída de tijolo ou pedra com cal de marisco, o sobrado conservou quanto pôde, nas cidades, a função da casa-grande do interior, de guardar mulheres e guardar valores. “Esse estilo de casa era típico da habitação dos recifenses mais ricos – os comissários de açúcar e os fidalgos do comércio”. (FREYRE, 2004, p.311). Móveis dispostos de forma simétrica, em maioria de madeiras nobres como jacarandá, obedecendo à hierarquia patriarcal, de lugares para o chefe da família, os filhos, os agregados, as visitas em cada qual dos cômodos. Grossas paredes onde era comum se enterrarem dinheiro e, às vezes, coisas mais sinistras.

O desenho abaixo assinado por Lula Cardoso Ayres mostra o interior de sobrado patriarcal urbano de meados do século XIX.



Fonte: acervo da Fundação Gilberto Freyre, com reprodução num dos encartes do livro Sobrados e Mucambos (FREYRE, 2004)

O sobrado do desenho apesar de possuir mais pavimentos que o da Rua Augusta, nos traz a noção da aura que envolvia este: andar térreo "lusitanamente" ocupado, ou seja, preenchido por atividade comercial, incluindo a parte de trás com "alojamento" em tom de senzala, para funcionários e escravos, primeiro andar disposto a sublocação (talvez pra um escritório) e andares acima utilizados para fins residenciais (quartos, cozinha, sala de estar e jantar, e outras dependências preenchidas com mobiliários característicos).

Para arrematar o protagonismo do referido sobrado é importante frisar que ele era de esquina, posição física que interferia no imaginário da população: "Muita superstição se agarrou ao complexo 'casa' ou 'sobrado' no Brasil patriarcal (...) Ninguém quisesse saber de morar em casa de esquina: 'casa de esquina / morte ou ruína / casa de esquina / triste sina'" (FREYRE, 2004, p.345). Há anos desocupado, provavelmente ficou passa a ceder espaço aos inimigos: "(...) mofo, a traça e o cupim" (FREYRE, 2004, p.346), tomava ares de velho e ganhava fama de mal-assombrado: "O povo dizia que ali vagavam espíritos: o bastante para o papel de "aluga-se" amarelecer nas vidraças." (Freyre, 2008, p.163)

### 3.3 - A narrativa em curso

Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, traz dois verbetes - complementares entre si - que consideramos servir tanto para retomar o âmago do sobrado, personagem principal da história, quanto para encadear outras questões da narrativa:

> **Assombração**. Terror pelo encontro com entes fantásticos, aparição de espectros; ato de espavorir-se; casa mal-assombrada, onde aparecem almas do outro mundo. Uma assombração, um grande medo. Rumores, vozes, sons misteriosos, luzes inexplicáveis. (CASCUDO, 2001, p. 28)

> **Casa mal-assombrada**. Casa em que aparecem fantasmas ou há ruídos misteriosos ou apavorantes. O som de correntes arrastadas, gemidos, passos repetidos; fogachos, luzes repentinas, portas e janelas bruscamente abertas ou fechadas sem explicação, pedras caindo no telhado, sem que alguém as atire, móveis deslocados, barulhos de vidros partidos ou armários derrubados e que continuam imóveis e perfeitos são as características mais vulgares. Explicam como sendo os espíritos, almas errantes, que pedem orações, desejam entregar tesouros enterrados, ou suplicam uma sepultura. (CASCUDO, 2001, p.52)

Já no o parágrafo inicial do conto, Freyre traz alguns desses elementos citados por Câmara Cascudo:

> Em velho prédio, também com a fama de mal-assombrado, da Rua Augusta, na esquina do Beco do Marisco, à noite, depois que todos dormiam, ouvia-se uma barulheira dos diabos: queda de móveis, correntes arrastadas pelo soalho, portas se abrindo. (Freyre, 2008, p.163)

Freyre nomeia e dá características gerais ao sobrado mal-assombrado, situa sua localização, o bairro de são José, demonstrando a tradição de palco para fenômenos sobrenaturais, faz alusão a provas documentais de artefatos presentes em outros sobrados da mesma região, que por crendice são atributos de cobiça e apego – ainda que seus antigos proprietários não estejam mais vivos - logo propícios ao encantamento fantasmagórico. Para atestar sua veracidade cita a si mesmo como testemunha e ao historiador Alfredo de Carvalho. Logo após apresenta "fisionomia" do sobrado, descrevendo detalhes, tipificando-o.

Apresentados palco e protagonista, a história prossegue com os personagens abaixo relacionados:

- **Belarmino** (Belarmino Mouco): português, comerciante, chefe de família, tendo por características marcantes a surdez, daí a alcunha "mouco", sério, tradicionalista, trabalhador;
- **A família de Belarmino:** aqui o autor não diz quem são, nem quantos são; atribui apenas termos genéricos como "os seus", "sua gente", "a família". (Freyre, 2008, p.163-164);
- **Assombrações:** espíritos maus, apareciam geralmente na forma de visagens ou barulhos: "(...) quedas tremendas de móveis na sala de visitas, correntes arrastadas pelo soalho, portas abrindo- se ou fechando-se com escândalo. (Freyre, 2008, p.163-164);
- **João Teixeira:** rapaz de seus vinte e quatro anos de idade, um dos empregados de Belarmino Mouco;
- **A polícia:** composta pelo subdelegado Heliodoro Rebelo e alguns soldados componentes do 1º distrito de São José;

- **A vizinhança:** Freyre também não traz especificidades maiores sobre essas pessoas, apenas aponta como tendo uma relação com o sobrado e suas assombrações;

Quatro momentos são cruciais no desenvolvimento da trama:

- **A estada de Belarmino Mouco e sua família no sobrado**

Após anos fechado, o sobrado visto como se não pertencesse aos vivos, mas aos mortos, encontrou uma pessoa com coragem e com uma peculiaridade física que, em tese lhe permitiria não se incomodar com "(...) toda uma orquestra de barulhos esquisitos" (Freyre, 2008, p.163-164); Contudo, a surdez física não era obstáculo para a fantasmagoria:

> O barulho era de tal maneira que o próprio Belarmino Mouco, com toda sua surdez, levantou-se mais de uma noite para ver o que se quebrara dentro de casa. Mas encontrava tudo em ordem. Os móveis nos seus lugares. As portas fechadas a ferrolho. E corrente só havia no sobrado a do seu relógio: correntona de burguês que apenas começava a ser sólido. Voltava para o quarto. Mas quando queria adormecer, o barulho recomeçava. O mouco acordava. Seus ouvidos pareciam de tísico: ouviam todos os barulhos grandes como se fossem diabruras de Seiscentos mil demônios soltos, numa só casa. E a família, que não era surda, esta não parava de ouvir ruídos terríveis. (Freyre, 2008, p. 164)

- **A morte de João Teixeira**

Parte concretamente trágica da história, relata a ceifa da vida de um jovem rapaz, empregado da família. Encontrado enforcado no segundo andar do sobrado, apesar dos mistérios envolvendo de sua morte João Teixeira acabou sendo atestado pela polícia como suicida; "(...) passou a ser considerado vítima dos espíritos maus que vagavam no sobrado. Mátir das assombrações" (Freyre, 2008, p.163-164). É momento crucial para se encerrar um ciclo: "Alguns dias depois do suicídio do rapaz, Belarmino Mouco desocupou o prédio. Aquilo não era casa em que morasse cristão" (Freyre, 2008, p. 164).

- **O sobrado novamente desocupado**

Com advento da morte de João Teixeira, e a posterior saída da família de Belarmino Mouco. O status de mal-assombrado do sobrado ganha novo reforço, agora abandonado, passa a ser alvo de interação com a vizinhança, composta de pessoas que se diziam testemunhas dos

fantasmas ali presentes, corroborando com astúcia e atenção aos mesmos - chegando até a preocupar as autoridades policiais:

> Uma noite, estando muito povo diante do prédio e sendo grande a celeuma, a polícia resolveu violar a porta da escada do sobrado encantado. Mas no terceiro lance da escada jogaram tanta areia nos olhos dos soldados que os sacudidos cabras de facão rabo-de-galo desceram do sobrado às carreiras, uns ainda se limpando da areia, outros pálidos como se tivessem visto o próprio demônio. O povo convenceu-se então de que não havia dúvida: o sobrado estava ocupado por espíritos furiosamente maus. (Freyre, 2008, p. 165)

- **A metamorfose do Sobrado**

Refere-se ao momento onde a casa por perder suas características típicas, perde a fama de mal-assombrada: foi a reconstruída e adaptado para cinema, onde o binário sombra- luz, fez desaparecer os espectros senão os das tela como "o Max Linder, o Tontolini, o Prince, Lídia Borelli, Teda Bara, Mary Pickford" (Freyre, 2008, p.164), até tornar-se igreja protestante sem assombrações ou demônios: "Igreja presbiteriana com muita luz, muito sermão, muita cantoria de hino falando em Jesus. Com o que desapareceram de vez os espíritos zombeteiros que outrora fizeram correr pelas escadas até soldados valentes." (Freyre, 2008, p.164).

## 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a cultura material é composta por elementos concretos elaborados pelo homem. Um bom exemplo disso são as edificações antigas que além do suporte físico, pode nos remontar a tradições e vivências. No artigo abordamos uma narrativa fantástica onde o personagem principal é um sobrado localizado na urbe recifense com alcunha de mal-assombrado. Percebemos que o autor utilizou-se tanto das características do bairro (o palco, quase um museu ao ar livre) quanto do próprio sobrado (o protagonista) para dar vazão a uma experiência criadora de reconstituição de um passado. Assim, o sobrado ao ser "interrogado", responde com a propriedade de partícipe ativo da história, por exemplo, sua carcaça desgastada, com seus cômodos, escadarias e mobílias de madeira, parece reger uma orquestra sinistra de

sons, contribuindo para aguçar a imaginação dos circundantes. Por fim, Freyre deixa claro que a fantasmagoria do conto está intimamente ligada à fisionomia e estrutura do sobrado, quando estas são radicalmente modificadas, as ditas assombrações se afastam para localidades que potencializem sua presença.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, **Cecília Modesto. Dicionário ilustrado de arquitetura**. 2ª edição. São Paulo: ProEditores, 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de . A Cidade Secreta: Intensidade, Fragmentação e Terror em Assombrações do Recife Velho, de Gilberto Freyre. In: **Mal-estar na cultura**. Porto Alegre, abril - novembro de 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/Benzaquen%20assombracoes.pdf> Acesso: 20 maio 2017.

CABRAL, Flávio José Gomes. **Conversas reservadas:** "vozes públicas", conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª edição. Edição Ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. V. 1, p. 149. Disponível em: < http://www.liber.ufpe.br/pc2/get.jsp?id=645&year=1493&page=150&query=1493&action=previous> Acesso em: 20 maio 2017.

CURY,Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino Em Re-Vista.** Uberlândia**,** v.20, n.1, p.13-28, jan./jun. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: global, 2008.

_____. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

_____. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.

FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. **Informações sobre o CDOC.** Disponível em: < http://fundacaogilbertofreyre.blogspot.com.br/2010/12/cedoc.html >. Acesso em: 15 jun 2017.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. **Gilberto Freyre, jornalista:** uma bibliografia. Disponível em: < http://www.fundaj.gov.br/images/documentos/gilbertofreyre.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades** /Recife. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=261160>. Acesso: 20 jun. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio material**. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> Acesso em: 25 de mai. 2017.

LEENHARDT, Jacques. A segunda morte dos sobrados do Recife. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre entre história e ficção. p. 301 – 311.Porto Alegre: Editora da UFRGS / Editora da USP, 2006.
OLIVEIRA, Lucia Lippi de. Museus, exposições e centros culturais. In: **Cultura é patrimônio**. p. 140-162. Rio de janeiro: FGV, 2008.

PACHECO, Ricardo de Aguiar; PASSOS, Fernando Cruz dos. Museus de Olinda e as identidades do Local. **Revista Inter-legere.** Natal: UFRN, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Narrativas, imagens, ideias: o museu imaginário de Gilberto Freyre. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre entre história e ficção. p. 301 – 311.Porto Alegre: Editora da UFRGS / Editora da USP, 2006.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Língua Brasileira**. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/3/sobrado> Disponível em: < Acesso em: 16 jun. 2017.